

## COISAS DA POLÍTICA

■ TEODOMIRO BRAGA

# Um Vietnã na fronteira

As cenas de horror da guerra civil colombiana em breve serão rotina nos noticiários da TV brasileira. Essa será a consequência inevitável da escalada do conflito, que faz com que a guerra civil no país vizinho vire assunto nosso, exigindo firme atuação da diplomacia brasileira. Essa situação, inédita na história recente do Brasil, é resultado do Plano Colômbia, que ameaça criar um novo Vietnã em plena América do Sul, ao norte do Brasil.

Os pontos de semelhança entre a evolução do conflito na Colômbia e a guerra do Vietnã merecem a inquietação que já se verifica em gabinetes em Brasília. Como no Vietnã, o governo da Colômbia está recebendo conselheiros militares americanos, helicópteros e grande ajuda financeira. A guerra do Vietnã começou assim. Outros pontos em comum, entre os dois países, são o enfraquecimento das instituições, o perigo comunista e a profunda divisão na sociedade local.

A grande diferença é a forte resistência da opinião pública americana em relação a um envolvimento maior dos Estados Unidos no conflito colombiano. A ajuda de US\$ 1,3 bilhão dos EUA ao Plano Colômbia foi aprovada após duros embates no Congresso, que reduziu a proposta original e estabeleceu várias restrições, como a de limitar o número de conselheiros enviados à Colômbia e proibir a utilização dos seus dólares no combate à guerrilha.

O Plano Colômbia é um programa amplo, que envolve mais recursos além da ajuda de Washington, e prevê, afóra o combate ao narcotráfico, medidas para o estabelecimento da paz e da reconstrução do país. O resultado imediato do anúncio do plano, porém, foi o recrudesimento da guerra civil, com ataques da Farc, a principal guerrilha, que provocaram mais mortes e destruições.

Com os helicópteros e outros equipamentos militares americanos e as instruções dos conselheiros vindos dos EUA, o presidente colombiano Andrés Pastrana espera infringir pesadas derrotas militares à guerrilha, deixando os insurgentes sem opção, senão a negociação de um acordo de paz. É uma jogada de altíssimo risco. A aceleração da guerra pode transformar a Colômbia num Vietnã versão hispânica, com efeitos para todos os vizinhos.

“A Colômbia é hoje um dos principais – senão o principal – focos de preocupações da política externa brasileira”, admite o chefe do Departamento das Américas do Itamarati, embaixador Antonino Gonçalves. Entre os militares, a Colômbia também merece igual preocupação. As Forças Armadas já têm um plano para reforçar as tropas na fronteira com a Colômbia, caso a guerra civil atinja nosso território.

Das cinco propaladas consequências para o Brasil do aumento da guerra civil na Colômbia, apenas uma parece indiscutível e imediata. Trata-se do crescimento do tráfico de drogas através do território brasileiro, pelos traficantes colombianos em busca de novas opções para o transporte da cocaína. “As rotas pelo território brasileiro já existem”, observa o embaixador Antonino.

O Brasil também poderia ser afetado, caso o governo da Colômbia venha usar agentes biológicos para o extermínio dos campos de cultivo da coca. Isso ocorreria porque os rios que passam nas áreas de cultivo da coca correm para a Amazônia e as suas águas contaminadas chegariam ao Brasil. O emprego de armas biológicas, porém, é questão polêmica na própria Colômbia e o chanceler Luiz Felipe Lampreia afirma ter recebido garantias do governo Pestrana de que não serão usadas.

Na avaliação do Itamarati, é remota a possibilidade de transbordo de massas de refugiados da guerra colombiana para o Brasil devido à grande distância das áreas de conflito. O quarto dos possíveis efeitos seria a transferência do cultivo da coca. A altitude no norte do país é propícia ao cultivo da planta. Mas como a coca não nasce debaixo de árvores, seria necessário o desmatamento da selva. Isso complicaria a operação, além de proporcionar um alvo fácil de ser detectado.

O Itamarati não prevê a utilização do território brasileiro pela guerrilha, como foi aventado. “A abertura dessa nova frente seria um erro militar tático da guerrilha e comprometeria os esforços das Farc para se legitimar junto ao Brasil”, diz o embaixador Antonino.

As hipóteses sobre os eventuais efeitos do Plano Colômbia são analisadas com cautela pelo Itamarati, já que não é possível prever o grau de escalada do conflito colombiano. Além disso, como alertou o próprio Lampreia, a evolução das guerras costuma tomar rumos inesperados.

A perspectiva de guerra civil geral num país vizinho é uma situação nova que testará a eficiência da diplomacia nacional. O governo agiu de forma irrepreensível, até agora, ao rejeitar qualquer participação militar do Brasil no conflito; ao reiterar que não permitirá a utilização do nosso território como plataforma de ataques para qualquer das partes envolvidas na guerra; e ao defender a negociação como único caminho para a solução da crise colombiana.

### Dívidas de campanha

O presidente do PFL mineiro, Clésio Andrade, nega ter assumido as dívidas de campanha do deputado Cabo Júlio (PL), que renunciou à candidatura a prefeito de Belo Horizonte, numa coligação que era integrada pelo PFL.

“Se pudesse, não teria deixado Cabo Júlio renunciar, já que essa atitude prejudicou nosso partido”, afirma Clésio.